

ESTUDOS FEMINISTAS

... A IMAGEM COM CONDUTORA DE UMA JORNADA

Diante da folha em branco: solidão. Muitas são as leituras, os livros recomendados, os interlocutores, conversas e orientações. Várias são as direções a tomar. Metodologias a escolher. Pesquisa em curso. Decisões devem ser tomadas. Claro que as dúvidas e inquietações surgem. É chegado o momento de expressar seus pensamentos. Deixar fluir o conhecimento adquirido. Deparar-se com a temida folha em branco e esboçar através do seu repertório teórico uma tese. Escrever uma tese é um trabalho solitário. Lutas internas são travadas. O que fomos e o que somos neste momento. Um percurso anterior foi traçado. Deixa marcas. Pegadas. E é através deste conhecimento adquirido que chego aqui.

Em seu conto “Ostra feliz não faz pérola”, Rubem Alves (1933-2014) fala da dor da ostra – da sua tragédia –, devido a um grão de areia que havia entrado em sua carne. Desse incômodo grão de areia e do seu canto triste, surge a pérola, tão bela. O “grão de areia” sintetiza o meu direcionamento para o mundo da arte: encontrar um olhar, um caminho, uma forma de pensar que não fosse tão cartesiana. Não uma fuga, mas uma saída para observar o mundo de forma mais bela. Trazer a arte para o meu dia a dia e encontrar respostas, fazer questionamentos através da arte e ver a amplitude do mundo.

O encantamento pode impulsionar uma pesquisa de uma maneira mais contundente do que apenas a procura de uma resposta a um fato científico. A paixão por um tema leva-nos a aprofundar com interesse, quase uma busca incessante, ao objeto de pesquisa. Aí vem a necessidade de aliar a paixão com a razão. Sem ter a pretensão de afastar o rigor, essencial para a base de toda e qualquer investigação, direciono o meu olhar para um viés mais poético e autor reflexivo que marca o meu percurso até esta tese.

E é este encantamento que marcará a minha longa jornada. Caracterizará o meu percurso tortuoso de encontro ao mundo das artes. Educando o olhar. Aprendendo a ver além do que está exposto. Partindo do nada e autodidaticamente pesquisando, buscando mais, conduziram-me a esta tese. Feliz aquele que em sua vida não segue uma linha reta, se aventura pelos becos, procura atalhos, escolhe o percurso mais longo. Encontra pedras, desvios, dolorosos, às vezes; de grande aprendizagem e sabedoria, na maior parte, direcionaram-me para as artes plásticas. Ao meu ofício. Através desta busca, uma nova forma de olhar e interpretar o mundo surgiu. A caminhada foi lenta: uma subida ao Everest.

Esta tese insere-se num percurso investigativo que se iniciou com a dissertação de mestrado: "Diálogos Transdisciplinares em Moça com Brinco de Pérola: a Arte como Representação da Arte". Na dissertação de mestrado o estudo recaiu sobre a relação entre texto e imagem, entre a representação visual e a literatura, tendo sempre como pano de fundo a História em que este retrato foi pintado, seu contexto, sua significação pictórica, ao tentar desvendar as simbologias ocultas em um turbante, em um brinco de pérola. O objeto de estudo escolhido foi a obra *Moça com Brinco de Pérola*, do pintor holandês Johannes Vermeer (1632-1665) e o principal objetivo foi tentar mostrar como uma obra pertencente a um determinado conjunto de signos, no caso a pintura, deu origem a outras novas linguagens diferentes, o romance e o cinema, estabelecendo-se um diálogo transdisciplinar entre estas obras.

O processo de investigação realizado no âmbito da dissertação de mestrado fez emergir novas questões, sendo confrontadas com elas, novas percepções da realidade estudada foram construídas. O olhar metamorfoseou-se ao longo do próprio processo de investigação. Este processo facultou uma nova forma de olhar para o estudo da relação interartes.

Com a conclusão da dissertação de mestrado, depressa surgiu à compreensão que a investigação realizada e as problemáticas que emergiram exigiam um novo percurso investigativo. Um conjunto de questões que exigiam respostas, mas no âmbito da dissertação, não foram possíveis serem respondidas.

Uma questão ficou presente neste percurso: quem não tem referência das obras de Johannes Vermeer faz a mesma leitura de quem as tem? Não podemos afirmar categoricamente que todas as pessoas irão ter a mesma leitura, mas possivelmente, os indivíduos que têm um pequeno contato com a arte, irão responder e reagir a estas novas configurações, as sobrevivências das imagens do mestre de Delft.

As megaexposições expandiram o olhar do observador, trazendo Vermeer para mais perto de um público que num primeiro momento não teria acesso às suas obras. Se a exposição Johannes Vermeer proporcionou um maior conhecimento ao meio acadêmico – com as conferências e livros escritos com as novas descobertas –, também é correto afirmar que o grande público se beneficiou deste evento. A exposição Johannes Vermeer não pode ser vista apenas como uma reunião de obras que tinham o intuito de serem analisadas por acadêmicos, como também aproximou o público leigo das obras do mestre, mas instigou artistas.

Este estudo teve o intuito de abordar as questões da história, da teoria e da crítica da arte, para além da curadoria, ao selecionar entre uma imensidão de imagens aquelas que mais se adequavam a linha do trabalho e correspondessem

a proposta pretendida. Foi uma ousadia que o trabalho exigia e tomada de forma consciente por parte da autora. Enveredar pela história da arte e aprofundar os estudos sobre a vida e obra do mestre holandês Johannes Vermeer era essencial para posteriormente estabelecer as ligações com os outros artistas que em períodos diversos da história foram se apropriando e fazendo sobreviver as obras do artista de Delft. Teoricamente falando, os autores utilizados para dar suporte metodológico foram cuidadosamente escolhidos para produzirem coerência na linha de pensamento que iria “costurar” (grifo da autora) de forma tão precisa todos os meandros do estudo, o fio condutor tinha que estar intrincadamente bem construído. Citando um antigo mito chinês: “(...) os deuses ataram um fio invisível nos tornozelos e o ligaram a todas as pessoas cujas vidas estão destinadas a se tocar independente do tempo, lugar ou circunstância. Este fio pode se esticar ou emaranhar-se, mas nunca irá partir”. (Anônimo, sem referência). Esta frase define



Legenda, Legenda, Legenda, Legenda, Legenda, Legenda, Legenda, Legenda,
Legenda, Legenda, Legenda, Legenda, Legenda, Legenda,

a tessitura das minhas escolhas. No âmbito da crítica, fazer a análise de imagens, por si só, é tecer um comentário crítico diante do que temos sob o nosso olhar. Criticar provém da palavra grega *Kritike*, que significa a arte de discernir, separar, julgar. Neste estudo tivemos muitas vezes que separar imagens, no intuito de fazer uma escolha que fosse de encontro ao que seria do domínio da aplicação ao que buscávamos. Discernir a melhor abordagem e finalmente julgar, na tentativa de um rigor acadêmico e investigativo, fazer uma escolha com imparcialidade, mesmo sabendo que é impossível almejar este distanciamento.

Tratando-se de um projeto onde as imagens sobrevivem além do tempo e espaço seria redutor pensar em uma conclusão. O tema não se conclui pois o que estamos estudando prolifera-se diariamente: as imagens; novas imagens apropriadas da obra de Vermeer surgem dia após dia, e estamos falando de imagens que vão sobreviver no tempo e por que não, manterem-se vivas no campo da arte, ou de imagens que apenas “brincam” (grifo da autora) com a obra do artista holandês. A vastidão do tema vai dar continuidade a outros estudos e abrir portas para novas pesquisas.

O aliciante em pesquisar imagens, suas associações e correlações, é ter a compreensão que o estudo não se finda, surgindo novos olhares, dando ensejo a uma nova jornada. Novos horizontes são vislumbrados através de uma cortina entreaberta, uma janela. Johannes Vermeer era mestre em nos deixar fora da cena ao mesmo tempo em que nos convidava para entrar em seus domínios, sutilmente. As *Nachleben* de Aby Warburg nos levam para além destas janelas e cortinas, entrevendo um mundo onde a contemporaneidade é a protagonista, onde o passado sobrevive no instante presente, nos direcionando para o futuro, numa busca incessante entre formas simbólicas que se relacionam entre si. Em busca da sua sobrevivência.

CRISTINA SUSIGAN – É doutora em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com tese desenvolvida no domínio da arte contemporânea e as mulheres. Mestrado em Estudos Americanos, com ênfase no estudo da *ekphrasis*. Professora de crítica de arte, percepção visual e história da arte no Brasil na Faculdade Santa Marcelina, Brasil. Exerceu a docência no ensino

superior no Instituto Politécnico do Porto, Portugal, na área dos estudos visuais e colaborou em diversas instituições portuguesas, nomeadamente a RTP-Porto, como guionista e pesquisadora. Nas suas pesquisas, dedica-se à apropriação nas artes, história, teoria e crítica de arte, e a historiografia feminista na história das artes. Especialista na pintura de Johannes Vermeer.